

Angélica Vier Munhoz  
Cristiano Bedin da Costa  
Sergio Andrés Lulkin  
(Organizadores)

PORQUE ESPERAMOS  
[notas sobre a docência, a obsolescência e o vírus]

1º Edição

Porto Alegre  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Zona de Investigações Poéticas

2020

#I

- edições autonomaz - -

Organização: Cristiano Bedin da Costa, Angélica Vier Munhoz e Sergio Andrés Lulkin

Montagem: Cristiano Bedin da Costa

Todas as notas foram escritas entre os meses de abril, maio e junho de 2020, durante período de isolamento social relativo ao novo coronavírus. A responsabilidade pela revisão e pelo conteúdo dos textos é dos autores e das autoras. A ordem de apresentação corresponde à de envio.

Zona de Investigações Poéticas

autonomaz@ufrgs.br

[www.facebook.com/autonomaz](http://www.facebook.com/autonomaz)

[www.instagram.com/autonomaz](http://www.instagram.com/autonomaz)



Este texto é disponibilizado nos termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**

**P837**

Porque esperamos [notas sobre a docência, a obsolescência e o vírus] / Angélica Vier Munhoz, Cristiano Bedin da Costa, Sergio Andrés Lulkin (organizadores) - 1.ed. - Porto Alegre: UFRGS, 2020.  
100 p.

ISBN 978-65-86232-26-4

1. Formação de professores I. Munhoz, Angélica Vier II. Costa, Cristiano Bedin da III. Lulkin, Sergio Andrés IV. Título.

**CDU: 371.13**

Bibliotecária: Ana Gabriela Clipes Ferreira CRB-10/1808

Nísia Martins do Rosário

Doutora em Comunicação.

Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS.

nisiamartins@gmail.com

As tensões semióticas se mostram fortes na pandemia, tanto nas difíceis tradutibilidades que adquirem quanto nas disputas de sentido e nas lutas de força por legitimação de determinados discursos que estão sendo gerados a todo momento. Todo esse contexto é muito produtivo para aplicar e entender o conceito de explosão semiótica de Iuri Lotman, considerando a perspectiva da semiótica da cultura.

É importante lembrar que a cultura é compreendida por Lotman (1999, 2000b) como memória coletiva e mecanismo pensante na sua dinamicidade e na sua complexidade. A cultura pode ser vista como um complexo sistema semiótico. Nessa via, abriga a combinação de vários sistemas de signos com codificações próprias, o que nos permite entender a signicidade como um dos fundamentos da cultura. Tais sistemas de signos encontram diversos níveis de organização e necessitam de regras e normas para seu funcionamento, mas é na relação entre eles que a cultura se estabelece - e, nesse sentido, a cultura representa um mecanismo poliglota, afirma Lotman (2000b).

Dessa maneira, esse momento que vivemos com a pandemia de Covid-19 é muito peculiar no que diz respeito ao modo como afeta o sistema semiótico da cultura. A grande maioria dos humanos no planeta terra não tinha vivido experiências como o confinamento em casa, o isolamento social, novas formas de trabalho, novos modos de fazer ciência, alterações no processo de educação formal, necessidade de redobrar cuidados com a higienização do corpo e dos objetos, o medo eminente da doença e a alucinante tempestade de notícias sobre o vírus, as pesquisas para a vacina e medicamentos, o caos econômico, as disputas políticas, as mortes...

Do ponto de vista da comunicação é relevante, portanto, inteirar-se dos processos de ressignificação de sentidos, de alterações dos códigos e usos das linguagens e considerar pelo menos dois cenários interrelacionados: o midiático e o cotidiano.

O objetivo dessa reflexão é, pois, entender alguns tipos (dentre várias ordens) de explosões semióticas que estão sendo geradas nesse momento de pandemia. Uma explosão semiótica, como sustentamos, ocorre nos momentos em que os sistemas são atravessados pela imprevisibilidade em velocidade elevada, causando rupturas nos modos de decodificação dos textos culturais e forçando-os a uma nova fase: de ressignificação e de reorganização dos códigos implicados. Pensemos nos modos como se organizaram novos códigos de 'saúde' na pandemia, por exemplo, as interações pessoais presenciais com aquelas pessoas que não moram juntas (os encontros fortuitos no mercado, na rua...): criou-se o código da interdição para dar as mãos, abraçar, tocar; foram impostos códigos de separação de corpos, no mínimo, por dois metros de distância; as máscaras se tornaram uma prescrição dos sistemas modelizantes da saúde. Codificações que visam salvar vidas, mas que carregam também outros sentidos: de perigo, de possibilidade de morte, de separação, de individualidade...

Para Lotman (1999), a explosão carrega a noção de transgressão possível, de comportamento atípico, é o momento em que o sentido tensiona a previsibilidade, irrompe na criação de algo que não estava determinado. Ao mesmo tempo, coloca em jogo um conjunto de possibilidades das quais apenas uma tende a se realizar provocando a superação da resistência exercida pelos sistemas, provoca mudanças estruturais, novas realidades, mas, ao fim do processo, a imprevisibilidade é substituída pela regularidade. Ocorre, a nosso ver, uma reterritorialização dos sentidos.

É certo que os novos códigos de 'saúde' passam da irregularidade para a regularidade depois que são traduzidos e, entendidas suas lógicas, podem levar à mudança de comportamentos. Um tipo de tensão explosiva ocorre com mais potência, entretanto, quando esses códigos são quebrados por autoridades, como é o caso do presidente Jair Bolsonaro, estimulando outras atitudes no coletivo, como não usar máscaras, cumprimentar-se, tocar-se, fazer selfies. Essas atitudes se mostram como estratégia de oposição, sem a lógica da resistência, contudo. Nesse caso, os sentidos tensionam a previsibilidade, organizando-se sobre uma transgressão possível, mas não operam sobre a criatividade que é elemento importante da explosão, segundo Lotman; tampouco operam sobre a ética. Na verdade, parece muito mais uma reação à explosão, uma defesa da preservação dos sistemas modelizantes anteriores à pandemia, independentemente dos acontecimentos.

...

Lotman propõe a arte como o lugar em que a explosão se realiza com mais intensidade, mas, nesse momento vivido, outros textos culturais trazem, sem tanto encanto, a potência da explosão em si. Ela opera como o lugar de um brusco aumento da informatividade de todo sistema, o que, num primeiro momento, causa incompreensão. Pensar o processo da pandemia como uma explosão é pensá-lo também como brusco aumento da informatividade, desde a necessidade de explicação científica sobre o vírus até as maneiras como ele afeta todos os contextos que o envolvem (e são muitos: a saúde, a educação, a política, o entretenimento, o trabalho, as famílias, a economia, dentre outros).

A maioria dos sujeitos inseridos nessa cultura procuram as mídias para "desintrincar" tantas informações e procurar caminhos de tradução. Dessa forma, as mídias assumem um papel importante na tradução dos acontecimentos, legitimando novos sentidos e, ao mesmo tempo, entrando em lutas de força para produção de conteúdos e consolidação de códigos e discursos. Além disso, as semióticas a-significantes (DELEUZE; GUATTARI, 2011) se fazem mais evidentes, excluem os usuários constituindo uma espécie de sociedade do discurso (FOUCAULT, 1996) sem permutabilidade. Esse aumento de informatividade mediado pela televisão, pelas redes sociais, pelos portais de notícias, entre outros meios, deixa evidente uma infodemia; ou seja: uma exorbitância de notícias, dados, explicações que direcionam as semioses, gerando medo e ofuscando determinados problemas. Essa mediação, muitas vezes, nos impede de fazermos nossas próprias traduções e nos estimula a aceitar os sentidos já prontos.

O processo de tradução, de nosso ponto de vista, tem papel chave aqui. Por meio da tradução transforma-se um texto em outro texto usando as linguagens, os códigos e os sistemas modelizantes que estão disponíveis na cultura. É importante levar em conta também, nesse processo, conceitos de dialogismo e polifonia. Segundo Lotman (1999; 2000a), a mente humana está aparelhada para extrair determinadas suposições do curso geral das coisas, mas não está preparada para a casualidade, a qual interrompe a cadeia de causas e efeitos a que o sistema semiótico (e a mente) está (ou estão) acostumado(s), gerando um campo minado de grande densidade de informações. O processo de explosão não prevê o caminho, não tem um percurso pré-definido. A busca da significação, entretanto, sempre está em movimento e mesmo em casos mais complexos, antes de prosseguir a semiose, o enunciatório busca descobrir algumas indicações sobre quais os códigos estão associados à mensagem e como deve decodificá-los.

Por isso, é necessário considerar que mesmo o que é novo e individual deriva de alguma tradição cuja memória é atualizada em textos e, desse modo, os espaços, que a princípio são de não-intersecção, vão tensionando o processo comunicativo e impulsionando para o deciframento dos textos ali nascidos (LOTMAN, 1996, 1999, 2000b).

Nesse sentido, muitas das questões da pandemia têm girado em torno da cultura do neoliberalismo que está agudamente inserido na cultura ocidental e que, portanto, é parte de tradição (e da memória) impingida aos sujeitos. Os processos de tradução seguem esse caminho. Tanto é que muitas escolas, lojas e indústrias estão preocupadas em sua sobrevivência financeira, defendendo a reabertura das organizações e a volta do público para as ruas, desconsiderando as possibilidades de aumento do contágio e, por consequência, o crescimento do número de mortos por Covid-19. O foco está no sistema produtivo e econômico - apenas para realçar o cenário mais óbvio. O neoliberalismo, por essa via, assume-se como espaço de necropolítica (MBEMBE, 2018) constituída, onde o que mais importa é o sistema de consumo, mais do que a própria vida. Esse espaço se amplia quando surgem o que muitos denominam como 'crise', porque se tem a desculpa de um estado de exceção. A cultura do neoliberalismo é tão forte, que os sujeitos que precisam ficar em casa entram num automatismo produtivista, sugerindo-se em pequenas coisas: arrumar os armários, limpar a casa, cozinhar, tirar o pó, fazer exercícios, fazer tricô... Esse automatismo produtivista tende a nos impedir de refletir sobre o que está acontecendo e nos impede de construir um caminho próprio de semiose, como pensar mais profundamente sobre o sistema da saúde, da educação, do consumo, das relações familiares, das produções científicas, entre outros.

A tradução se torna importante porque, quando realizada em sistemas complexos de códigos ou códigos que precisam ser remodelizados, articula-se nas resistências de forças, nas possibilidades de indeterminações de sentidos e de reconstrução de percursos de sentidos. O próprio movimento da tradução na semiosfera [i] pode ser entendido como uma constante inter-relação com o ambiente que lhe é externo pela mobilidade e penetrabilidade, problematizando, assim, o processo de tradução do seu mundo exterior ao seu mundo interior e vice-versa.

Pensemos na semiose do vírus produzida culturalmente, que o coloca como uma variação de inimigo externo: o estrangeiro, o desconhecido, o perigoso. Nessa mesma dimensão - como sociedade estruturada sobre o patriarcado, o colonialismo e o capitalismo - colocamos os imigrantes, os refugiados, os negros, os LGBTQI, as mulheres, os pobres, as bruxas, os judeus, os escravos... Deslocamos a culpa para o estrangeiro, bem como a explicação da calamidade, da pandemia. Não é a toa que tantos discurso sobre a culpa da China foram construídos e circularam.

Em geral, quando pensamos em interação ou interlocução, o espaço de encontro e convergência pela interseção dos interlocutores se evidencia como ambiente natural da comunicação, como identidade de base entre os interlocutores.

Contudo, no pensamento de Lotman, os espaços de não-intersecção assumem maior relevância, ou seja, de uma não-identidade de base entre enunciador e enunciatário, o que significa que os sujeitos comunicantes não operam sobre conhecimento e usos equivalentes de códigos, memória e linguagem. Ainda que não haja uma identidade muito similar entre eles, há um determinado nível de interação propiciado por espaços de linguagem partilhados.

[i] O conceito de semiosfera para Lotman pode ser definido como um espaço-tempo em que se realizam os processos de semiose e também os processos comunicativos. É a dimensão na qual se manifesta o que é próprio da significação e da semioticidade. É o ambiente de produções de novas informações, atualização de códigos e de linguagens, organização de sistemas modelizantes, articulação de regularidades, repetições e legitimações, bem como de criações, irregularidades e desterritorializações. Assim, o conceito de semiosfera torna-se fundamental para entender os processos de tradutibilidade.

O valor do diálogo não está ligado à parte que se intersecciona, mas à transmissão de informação entre as partes que não se interseccionam. [...] quanto mais difícil e mais inadequada é a tradução de uma parte não interseccionada do espaço à língua da outra, mais preciosa se torna, nas relações informacionais e sociais, o feito dessa comunicação paradoxal [ii] (LOTMAN, 1999, p. 17, tradução nossa).

É possível dizer que Lotman estava interessado justamente nos tensionamentos que se configuram quando a comunicação se torna mais difícil, quase impossível, e, em decorrência, exige esforço de tradução, criatividade e reflexão sobre o sistema semiótico.

Assim, pode-se definir tensão como uma certa resistência de forças, que está inserida no processo comunicativo e que se realiza entre o espaço de intersecção e de não-intersecção. O autor não se aprofunda muito nessa concepção, contudo, é possível pensar que o tensionamento recíproco que aí se estabelece é o que mantém viva - em movimento - a comunicação por meio de formas de contato que propiciam deslizamentos diversos e que oscilam desde a facilidade da compreensão até seu polo oposto, a intradutibilidade.

É nesse processo de tensionamento que se constrói a resistência de forças, a comunicação criativa e que as lutas e disputas de sentidos se realizam. A tensão, ao mesmo tempo que interpela os códigos propulsionando sua atualização, permite a reorganização inventiva dos signos num texto e a orientação para novas semioses a partir da indeterminação de sentidos. Os ruídos são os potenciais tensionadores do processo comunicativo, inquirindo o próprio código e os processos de tradutibilidade dos sujeitos. Empregam-se, nesses movimentos, várias velocidades de transformação, considerando arranjos já costumeiros tanto quanto desarranjos criativos.

É interessante observar como as tensões provocadas pelos processos comunicativos que têm efeitos de explosão semiótica estão atravessadas por embates de diversas subjetividades e por subjetivações maquinicas que se conectam à memória coletiva da cultura e, vale ressaltar, à raízes capitalísticas...

Assim, a situação de pandemia da Covid-19 vivida no mundo se configura, sem dúvida, como uma explosão semiótica pela forma como atingiu todas as partes do planeta, inclusive as que não foram tão afetadas por ela. Essa experiência colocou em ação o conceito de tensão, fazendo pressão sobre os códigos existentes em diversas instâncias da cultura, provocou ruídos de todas as ordens entre governos, sistemas de saúde, de economia e suas respectivas populações, causando um alto nível de irregularidades nas formas de vida das pessoas.

As imprevisibilidades semânticas, então, se multiplicam principalmente nos procedimentos de interação entre sujeitos, acionando a necessidade de adaptação de modos de comunicação, destacando-se o tensionamento dos modos de presença. Em outras palavras, explodiram-se códigos de diversas áreas e foi necessário criar rapidamente formas de existir, mobilizando a estrutura rizomática pluridimensional dos códigos. Esta situação irrompeu como um mecanismo inesperado e instantâneo de alteração da realidade cultural.

Entre tantas possibilidades de abordagem acerca da pandemia de Covid-19, uma inquieta mais: as imprevisibilidades do discurso político presidencial que semiotizam a sua radical necropolítica.

[ii] No original: "el valor del dialogo resulta unido no a la parte que se intersecta, sino a la transmisión de información entre las partes que no se intersectan [...] quanto más difícil e inadequada es la traducción de una parte no intersectada del espacio a la lingua de la outra, más precioso se vuelve, nas relaciones informativas y sociales, el hecho de esta comunicación paradójica".

Nesse ponto, é importante lembrar o que defende Lotman sobre a explosão: ela não se dá totalmente fora do sistema, mas dentro daquilo que o sistema permite em suas possibilidades de casualidade e imprevisibilidade.

Assim, ainda que se espere que o presidente deste país diga impropérios como lhe é de costume, tinha-se como premissa que agisse não como persona privada, mas como a persona pública que é, de acordo com o cargo que ocupa, apesar de suas subjetivações excêntricas. As frases que se destacaram na voz de Jair Bolsonaro foram tão explosivas que geraram pautas seguidas e diárias no jornalismo, nas redes sociais, entre outros.

Frases como “E daí? Eu sou messias, mas não faço milagres” [iii], para replicar o número de mortes pela covid-19, ou “Eu não sou cozeiro, tá?” [iv], quando o Brasil completava mais de 2.700 óbitos, ou “Alguns vão morrer? Vão morrer... Lamento, mas é da vida. Não pode parar uma fábrica de automóveis porque tem morte no trânsito” [v], dito numa entrevista. Os textos semióticos emitidos por ele durante a pandemia deixaram explícitas sua necropolítica, de descarte de vidas que não estejam inseridas na forma mais dura de neoliberalismo. Frases como essas, além de outras tantas ações do referido mandatário, negam a humanidade do outro. Mostram a perigosa política de violência estatal. Mostram que as zonas das vidas descartáveis se ampliam ainda mais, para além dos pobres, negros, LGBTQIs, não produtivos, mas para todos aqueles que não estão no mesmo mundo semiótico desta autoridade. Estão aí em evidência também as semioses que o presidente e seu séquito se autorizam, por meio de necropolíticas estrategicamente criadas: o direito de expor outras pessoas à morte, o direito de impor mortes a determinados sujeitos, o direito de deixar à morte aquele que necessita de auxílio. E o pior: os sentidos de insignificância dessas vidas perante o estado.

Jair Bolsonaro já estabeleceu uma luta de forças com boa parte da imprensa para o estabelecimento de discursos válidos. Ainda que seja criticado quase diariamente, não só pela mídia, mas por autoridades estrangeiras, cientistas e populares, seu comportamento e suas palavras se voltam para o rompimento ético e moral com os códigos da vida.

Poderíamos expandir muito mais as considerações sobre a política na pandemia, mas há outro tema importante para abordar que toca também à necropolítica. São as explosões dos rituais de morte em todo o mundo. São mostradas várias covas coletivas pelo mundo, recebendo corpos sem nome, sem ou com família pela impossibilidade de um funeral adequado aos ritos culturais. Não há despedidas, não há momento para velar o morto, não há compartilhamento da tristeza com os amigos. Outra explosão semiótica no âmbito do social. Uma notícia de internet nos conta o caso de um rapaz ianomâmi de 15 anos que faleceu em decorrência do novo coronavírus. “Horas após o óbito, o corpo foi enterrado em Boa Vista (RR), onde ele estava internado, sem que a família fosse comunicada”, diz a reportagem[vi].

Cientistas [vii] citadas pelo portal GI dizem que, para cada morte pela Covid-19, entre seis e dez pessoas são afetadas. Aspectos peculiares devem ser considerados nesse luto: a alta transmissibilidade, o isolamento de pacientes, as mortes solitárias e enterros sem rituais, quando não a impossibilidade de atendimento médico adequado. Além disso, a impossibilidade de apoio mútuo em função do isolamento social.

[iii] Disponível em <https://istoe.com.br/e-dai-eu-sou-messiasmas-nao-faco-milagres/>

[iv] Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-cozeiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml>

[v] Disponível em <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/06/02/bolsonaro-volta-a-dizer-que-morrer-e-normal-no-dia-que-obitos-batem-recorde.htm>

[vi] Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/o-impacto-cultural-da-pandemia-de-coronav%C3%ADrus-sobre-povos-ind%C3%ADgenas/a-53I9I533>. Acessado: 20/05/2020

[vii] Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/01/a-cada-morte-por-coronavirus-seis-a-dez-pessoas-sao-impactadas-pela-dor-do-luto-dizem-especialistas.ghtml> acessado: 25/05/2020. Aqui são consideradas especialmente Collen Bloom, gerente e uma das fundadoras do Centro de Luto Profundo, da Columbia University, EUA; Ana Claudia Arantes, geriatra com especialização em Cuidados Paliativos pelo Instituto Pallium e Universidade de Oxford; Anna Carolina Lo Bianco, vice-presidente do Conselho Federal de Psicologia / Brasil.

Assim, das experiências contemporâneas com a pandemia e dos modos como os governos as administram se produzem semioses sobre as necropolíticas vigentes. Ou, como diz Paul Beatriz Preciado (2020): cada sociedade pode ser definida pela epidemia que a atinge e pelo modo como faz a gestão dela.

#### Encaminhando um final

Esses processos de explosão semiótica que verificamos nesse momento de pandemia estão refletindo as tensões da cadeia comunicativa, bem como as disputas de sentido e as lutas de força entre discursos. Nesse processo, os códigos se atualizam em diferentes velocidades e o incompatível se transforma em adequado, o intraduzível em traduzível. Em algum momento, esses sentidos têm a possibilidade de serem reterritorializados com forte tendência à incorporação e à assimilação pelo sistema. Em outros momentos, os sentidos podem ser desconsiderados e são expelidos da semiosfera podendo ficar desterritorializados por tempo indeterminado. É relevante reter que, na situação da pandemia, os modos como as linguagens e os códigos da cultura vão se rearranjar serão percebidos de todo somente após esse processo, ainda que já possamos detectar muitos indícios desses procedimentos como, por exemplo, novos modos de convivência, relações familiares, modelos de trabalho, padrão educacional, necropolíticas. Nessa paisagem, verificamos posições distintas entre o saber e a verdade que se manifestam nos processos de semiose com muita força, principalmente no Brasil.

A resistência de forças e a luta semiótica pela atualização dos sentidos em que acreditamos é fundamental nesse momento. Nosso movimento como comunicadores, estudiosos da comunicação, professores, alunos, cidadãos deve ser o de assumir nosso papel nas forças de resistência e nas disputas pela construção de sentidos, buscando coerências com a cultura dos povos latino-americanos pautados pela solidariedade, pela força de vontade e pela cidadania.

#### Referências

- DELEUZE, G; GUATTARI, F. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 2. São Paulo, Editora 34, 2011.
- FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. São Paulo: Loyola, 1996.
- LOTMANN, Yuri M. Semiosfera I - Semiótica de la cultura e del texto. Madrid: Cátedra, 1996.
- \_\_\_\_\_. Cultura y Explosión. Barcelona: Editora Gedisa, 1999.
- \_\_\_\_\_. Universe of the Mind: a semiotic theory of culture. Indiana: Indiana University Press, 2000 (a).
- \_\_\_\_\_. Semiosfera III - Semiótica de las artes e de la cultures. Madrid: Cátedra, 2000 (b).
- MBEMBE, Achille. Necropolítica. São Paulo: Edições n-I, 2018.
- PRECIADO, Paul Beatriz. Aprendendo com o vírus. In: VVAA. Sopa de Wuhan. Pensamento contemporâneo en tiempos de pandemias. Espanha: Editorial ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020, p. 163-185. Publicado originalmente no El País, 28/03/2020.

